

## RUA MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA

Decreto nº 5.184 de 04-07-1977

Protocolado nº 6.161 de 15-03-1977 em nome de Prefeito

Municipal.

Formada pela rua 2 da Vila Brandina

Início na avenida José Bonifácio

Término na rua Francisco Mesquita

Vila Brandina

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Dr. Francisco Amaral.

## MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA

Marina Vieira de Carvalho Mesquita era filha do fundador da Faculdade de Medicina de São Paulo o dr. Arnaldo Vieira de Carvalho e de d. Constança Vieira de Carvalho e foi casada com o jornalista Júlio de Mesquita Filho. D. Marina faleceu em 05-04-1975, aos 77 anos de idade, em Salzburg, na Áustria, quando se encontrava em viagem de recreio acompanhada da irmã e de uma das sobrinhas, havendo seu corpo sido trasladado para São Paulo, onde foi sepultado no Cemitério da Consolação. Encarnando as virtudes da mulher paulista de todo um longo período de nossa história, que se recolhiam aos cuidados domésticos, à educação dos filhos e netos, à religião e à caridade, com honradez, a fim de permitir que no lar, o chefe da casa encontrasse o repouso e o ânimo para reiniciar sua luta cotidiana, foi ao marido e aos filhos que dedicou sua vida, além das obras de caridade, que sem alardes publicitários, sempre mereceram seu dedicado apoio. Em duas oportunidades, acompanhou o marido ao exílio político: em 1932, também acompanhada dos filhos, em Portugal, e a segunda, em 1937, à Europa, em seguida para os Estados Unidos e, finalmente, para a Argentina. Sempre com discrição, colaborou com diversas campanhas e obras assistenciais. No entanto, merece ser ressaltado o trabalho que desenvolveu à Associação Santa Teresinha, fundada por d. Margarida Galvão, para assistir aos filhos de hanseianos, quando a moléstia era um flagelo em São Paulo. E quando a fundadora faleceu, devotou à obra benemérita uma assistência assídua, cotidiana e profícua. Também à Liga das Senhoras Católicas emprestou o melhor de si.



N.º 1872

Campinas — Terça-feira, 5 de Julho de 1977

ANO VIII

# PODER EXECUTIVO

DECRETO N.º 5184, DE 4 DE JULHO DE 1977.

CAMPO MUNICIPAL, 4 de julho de 1977.

DR. FRANCISCO AMARAL  
Prefeito Municipal  
DR. WALDIR TORTIMA STEFFINGER  
Secretário dos Negócios Municipais  
DR. AMANDO GUEBVA TELLES COELHO  
Direção de Obras e Serviços Públicos

Dá denominação a uma via pública da cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando de suas atribuições legais,

### D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica denominada "RUA MARINA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA", a Rua 2 da Vila Brandaia, com início na Avenida José Bonifácio e término na Rua 6 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Protocolado na Secretaria dos Negócios Municipais (Comunicação "de- nico-Log" nº 107) da Consultoria Geral, em 15 de março de 1977, e publicado no Diário Oficial do Município de Campinas, em 4 de julho de 1977. Também foi expedido o Gabinete do Prefeito, em 4 de julho de 1977.

DR. GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE  
Chefe do Gabinete do Prefeito

*Protocolado em nome do Prefeito Municipal*



## MARINA VIEIRA

Marina Vieira de Carvalho Mesquita, filha do dr. Arnaldo Vieira de Carvalho e de d. Constança Vieira de Carvalho, foi casada com o dr. Júlio de Mesquita Filho.

Faleceu, aos 77 anos, em Salzburg, na Áustria, em 5 de abril de 1975.

Foram seus filhos: Julio de Mesquita Neto, casado com Zulu Cerqueira Cesar Mesquita; Ruy Mesquita, casado com Laura Maria Sampaio Lara Mesquita e Luis Carlos Mesquita, casado com Marjorie Gemmel Mesquita, já falecido. Seu corpo foi trasladado para São Paulo, onde foi sepultada no Cemitério da Consolação,

Dela talvez pudesse se dizer que encarnou as virtudes das mulheres paulistas de todo um longo período de nossa historia, que se recolhiam aos cuidados domésticos, à educação dos filhos e netos, à religião e à caridade, a fim de permitir que no lar, o chefe da casa encontrasse o repouso e o ânimo para reiniciar sua luta cotidiana.

Foi ao marido e aos filhos que dedicou sua vida - afora às obras de caridade a que, sem alardes publicitários, emprestou sempre seu decidido apoio.

Por duas vezes acompanhou o marido ao exílio político: em 1932, juntamente com os filhos, em Portugal, e a segunda, só com o marido, em 1937, à Europa, em seguida para os Estados Unidos e, finalmente, para a Argentina.

Trabalhou, silenciosamente, em várias obras de caridade. Mais do que a todas, dedicou o melhor de seus esforços à Associação Santa Terezinha, fundada por d. Margarida Galvão, para atender aos filhos dos haenianos, desde que a moléstia era um flagelo em São Paulo. E quando sua fundadora faleceu, devotou à obra benemérita uma assistência assídua, cotidiana e sempre profícua. Deu seu apoio a outra instituição que é a Liga das Senhoras Católicas. À sua personalidade de grande senhora, soube unir a atenção pelosxx pelos humildes.



# Marina Vieira

Faleceu na madrugada de ontem, em Salzburg, Austria, d. Marina Vieira de Carvalho Mesquita, viúva do dr. Julio de Mesquita Filho. Acompanhada da irmã e de uma das sobrinhas, ali se encontrava em viagem de recreio. Com seu desaparecimento, aos 77 anos de idade, perde a sociedade paulista uma de suas figuras mais representativas, ligada a velhas estirpes luso-brasileiras.

A discrição com que sempre paulou sua existência torna difícil, no momento de dor, traçar seu correto perfil. Mas dela talvez se pudesse dizer que encarnou as virtudes das mulheres paulistas de todo um longo período de nossa história, que se recolhiam aos cuidados domésticos, à educação dos filhos e netos, à religião e à caridade, a fim de permitir que no lar, o chefe da casa encontrasse o repouso e o animo para reiniciar a luta cotidiana.

Foi ao marido e aos filhos que dedicou sua vida — atora às obras de caridade a que, sem alardes publicitários, emprestou sempre seu decidido apoio. Por isso, falar de d. Marina, para todos os que a conheceram, é dizer das angústias que comecaram a assaltá-la já em 1924, dois anos apenas após seu casamento, quando a revolução chega a São Paulo e na cidade conflagrada o marido tem posição política definida. E dizer, também, de toda a aflição que, se fez das mãos dos paulistas, dela foi sem dúvida maior, do triunfo da Revolução de 30 à deflagração e à derrota da Revolução de 1932. Angústia não apenas por ver batidos nos campos de luta os ideais de que comungava, mas também por ver o marido, o cunhado e companheiros de conspiração e liderança revolucionária presos e enviados para o Rio e dali, meses depois, para o exílio.

Ao marido, ela se une com os filhos, ainda crianças, numa pequena casa nas proximidades de Lésbo, e ali permanecem cerca de dez meses, findos os quais regressam ao Brasil.

O regresso não significou a volta à tranquilidade do lar, porque a política não era tranquila: a Constituinte de 34, a tentativa de 35, a campanha de Armando de Sales Oliveira, o golpe de 37 marcaram uma vez mais sua vida.

A 19 de novembro, rompia a legalidade constitucional, dr. Julio — e ela por extensão — é novamente o alvo da quadrilha: são os presos durante a noite, pela madrugada, no jornal e na própria casa — e as detensões que se prolongam

por dias ou semanas, para renovar-se não se sabe quando, nem por quanto tempo. E novamente o exílio — desta vez deixando os filhos para acompanhar o marido, de novo para a Europa, em seguida para os Estados Unidos, finalmente para a Argentina. E como as grandes senhoras, amparada pela religião, encontra no sofrimento pela sorte dos parentes e pela ausência dos filhos, a força suficiente para permitir que o marido não esmoreça na luta que se propôs sua desde o início. Dedicando à desvelada companheira seu livro predileto — Ensalos Sul-Americanos — (exatamente produzido no exílio), dr. Julio de Mesquita Filho conseguiu resumir toda essa silenciosa e múltipla solicitude, nas breves e concisas palavras impressas na página de rosto: "A Marina, e a todos aqueles a que a iniquidade baniu da terra em que nasceram".

E é no ano em que o jornal, que ajudou a edificar como tradição de luta e destemor, comemora o seu Centenário e seus 95 anos de vida independente, que o inesperado falecimento de d. Marina V. C. Mesquita colhe-nos com profunda dor.

A defesa do mesmo ideário e o igual empenho pela renovação cultural do País aproximaram duas famílias: Vieira de Carvalho e Mesquita. Foi assim, mais do que uma simples coincidência o fato de as duas filhas de dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, fundador da Faculdade de Medicina — Marina e Alice — terem-se casado com os dois filhos mais velhos de Julio Mesquita: Julio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita. Aquelas jovens a vida não seria um mar de rosas, não lhes poupando a luta política em que os maridos se engajaram até mesmo dificuldades financeiras, no primeiro e segundo exílios, e durante a época de ocupação do "Estado". E a d. Marina, se os anos sofridos na política de certa maneira a recompensaram em 1964 com o triunfo, ainda que efêmero, dos ideais esposados por dr.

Estimamos  
que  
de

recorre à  
**foge**  
**berne**

controladas p  
Contas.  
Em 73, o v.  
Magdalena, de  
defendeu no e  
palista de Ar.  
que "o excess  
das empresas  
do, para evita  
riorações".  
Para o vere  
ao contrário é  
particular, qu  
quadro reduzi  
dos e vai aun  
produção, a l  
cou com ambi  
do-se em contr  
micro de func  
do altos salári  
a estrutura de  
pendente.  
Funcionando  
bro de 73, a F  
da para dizem  
municipais, at  
retribuição.  
ções e control



DE SÃO PAULO"

# de Carvalho Mesquita



## ...encarnou as virtudes das mulheres paulistas

Julio, a vida não lhe poupou a dor suprema de ver morrer o marido e o filho caçula (Luiz Carlos) — mas encontrando sempre na religião, na fortaleza interior que soubera construir e a fibra da mulher paulista das velhas estirpes, com que superar a adversidade.

D. Maria Vieira de Carvalho Mesquita, desprezando a publicidade que sua pessoa permitia, preferiu trabalhar silenciosamente em várias obras de caridade. Mais do que a todas, deu-se o melhor de

seus esforços à Associação Santa Teresinha, fundada por d. Margarida Galvão para atender aos filhos dos leprosanos desde a época em que a moléstia era um flagelo em São Paulo. E quando sua fundadora faleceu, devotou a obra benemerita uma assistência assídua, cotidiana e sempre profícua — e silenciosa. Na mesma atitude de rectidão seu apoio a outra instituição de que São Paulo se orgulha a Liga das Senhoras Católicas, entre outras obras de beneficência.

Se alguma coisa de seu ex-

teriorizava, era sua fé católica — e todos os anos, a 8 de dezembro, comparecia à missa que os funcionários desta Casa fazem celebrar em louvor de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, cuja imagem se encontra entronizada nas oficinas do "Estado". E, quando na Europa, peregrinava a Lourdes, Roma e Lisieux.

A sua personalidade de grande senhora, soube unir a atenção pelos humildes; dedicada mãe de família, sabia compreender as aspirações e sofrimentos dos que a ela chegavam, sem dificuldades, independentemente de posição social. Esta a imagem que para nós, do "Estado", dela nos fica e que estará presente na festa de Natal dos funcionários, quando pela primeira vez, em muitos anos, não estará dando a todos a atenção de seu sorriso, e a cada um transmitindo a tranquilidade interior que sempre foi sua ao longo de uma vida tribulada pelos tempos difíceis em que viveu, neles sabendo imprimir a sua marca.

## A família

A sra. Maria Vieira de Carvalho Mesquita, filha do dr. Arnaldo Vieira de Carvalho e de d. Constança Vieira de Carvalho, era viúva do dr. Julio de Mesquita Filho. Deixa os filhos dr. Julio de Mesquita Neto, casado com d. Zulu Cerqueira Cesar Mesquita, e sr. Ruy Mesquita, casado com d. Laura Maria Sampaio Lara Mesquita. Foi também seu filho o sr. Luis Carlos Mesquita, falecido, que foi casado com d. Marjorie Gemmel Mesquita. Deixa também os netos Julio Cesar Ferreira de Mesquita; Marina C. C. Mesquita; Ruy Mesquita Filho; Fernão Lara Mesquita; Rodrigo Lara Mesquita; João Lara Mesquita e Patricia Mesquita. Deixa ainda inumeros sobrinhos. Era irmã de d. Alice Vieira de Carvalho Mesquita, viúva do dr. Francisco Mesquita. Foram também seus irmãos o sr. Raul Vieira de Carvalho, falecido, que foi casado com d. Alia Vieira de Carvalho; o sr. Carlos Vieira de Carvalho, falecido, que foi casado com d. Lucilla Vieira de Carvalho, também falecida, e o sr. Arnaldo Vieira de Carvalho Filho, solteiro, nascido.

O corpo será trasladado para esta Capital, onde se realizará o enterro no cemitério da Consolação.



## Cidades e Serviços

### Rede de ensino lembra hoje D. Marina Mesquita

A rede municipal de ensino estará prestando homenagem hoje, dia 10, a Dona Marina Vieira de Carvalho Mesquita, que foi esposa do dr. Júlio de Mesquita Filho e mãe dos jornalistas Júlio de Mesquita Neto, Ruy Mesquita e Luís Carlos Mesquita.

Com a presença de autoridades e educadores da rede, a solenidade terá lugar na Escola Municipal de Primeiro Grau "Marina Vieira de Carvalho Mesquita", na Rua Nestor de Castro, s/nº, em Vila Mariana.

Lembrando que "Dona Marina foi a principal estimuladora da vida combativa e do trabalho patriótico de Júlio de Mesquita Filho e uma das mais destacadas figuras da sociedade paulista de sua época", o Secretário de Educação e do Bem-Estar Social, prof. Paulo Zingg, informou que a homenagem segue a linha introduzida nas escolas pela atual Administração de manter vivas as memórias dos grandes vultos de nossa história.

Dona Marina Vieira de Carvalho era filha do dr. Arnaldo Vieira de Carvalho e, dois anos apenas após o seu casamento com Júlio de Mesquita Filho, quando a revolução conflagrava a cidade de São Paulo, já se colocava destemidamente ao lado do marido na corajosa defesa de seus ideais democráticos. Nos anos seguintes, mesmo no exílio, jamais deixou de estar ao seu lado. Católica fervorosa, dedicou boa parte de sua vida às obras de caridade, tendo sido notável o seu trabalho em defesa dos hansenianos. Sempre esteve, também, ao lado dos filhos Júlio de Mesquita Neto, Ruy Mesquita e Luís Carlos Mesquita (este último já falecido), no jornal *O Estado de S. Paulo*, a cuja publicação eles deram seguimento.

Dona Marina faleceu aos 5 de abril de 1975, aos 77 anos de idade, em Salzburg, Áustria, tendo seu corpo sido trasladado para São Paulo e sepultado no cemitério da Consolação.

("O ESTADO DE SÃO PAULO" DE 10-10-1986)